

## A linguagem da náutica portuguesa: um processo de restrição de significado

Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa  
UNESP/Araraquara

*À medida que uma civilização ganha em variedade e riqueza, as ocupações, os atos, os interesses de que se compõem a vida em sociedade se dividem entre diferentes grupos humanos; nem o estado de espírito, nem a direção da atividade são os mesmos para o padre, o soldado, o político, o artista, o comerciante, o agricultor. Embora tenham herdado a mesma língua, as palavras assumem para cada um deles nuances distintas que se fixam e acabam por aderir a elas. O hábito, o meio, toda a atmosfera ambiente determinam o sentido da palavra e corrigem o que ela tinha de generalidade. As palavras mais abrangentes são, por isso mesmo, as que têm mais aptidão a usos mais numerosos.*

Este trecho, extraído de *Éssai de Sémantique* (1897:312) de M. Bréal, e reproduzido por A. Meillet em seu *Linguistique Historique et Linguistique Générale* (1948:244), mostra como as palavras que compõem uma língua de uma determinada sociedade podem sofrer alteração de significado de acordo com o grupo que as utiliza. Cada ciência, cada arte, cada ofício, ao organizar a sua terminologia, marca com sua especialidade as palavras da língua comum.

Para Meillet (1948:245) “cada grupo de indivíduos utiliza de maneira particular os recursos gerais da língua”. Este uso restringe o significado das palavras. Diante disso, podemos dizer que o léxico de uma língua se compõe de dois grupos de unidades lexicais: num 1º grupo, as unidades são compreendidas e empregadas do mesmo modo por todos os membros da sociedade; num 2º grupo, as unidades são apenas compreendidas e empregadas por parte maior ou menor dessa sociedade e são usadas, no seu emprego correto pelos membros de um grupo particular.

Por necessidade de se compor uma terminologia, os falantes vão buscar na língua comum as unidades que terão, daí por diante, um significado específico. A este processo de passagem da língua comum para a língua especial, M. Bréal chamou de “restrição de sentido”. Ao processo contrário, denominou de “ampliação de sentido”. Este processo de restrição ou ampliação que é fonte geradora de polissemia nas línguas, é exemplificado por S. Ullmann em *Précis de Sémantique Française* (1952: 195) com o verbo *habiller* em francês, que significa “vestir, envolver, cobrir”. O verbo sofre uma restrição de sentido se for empregado por grupos especiais; assim para o jardineiro significa “preparar a árvore para ser transplantada”;

para o camponês, “limpar o campo para a primavera”; para o carreteiro, “selar o cavalo”; e para o açougueiro, “tirar as tripas” do animal.

Meillet analisa com muita propriedade o movimento que as unidades lexicais sofrem indo da língua comum para a particular e vice-versa. É nesta ida e vinda que muitas mudanças semânticas se processam.

Uma das causas que faz com que os grupos particulares modifiquem seu vocabulário é a heterogeneidade de indivíduos que os compõem, oriundos de regiões e localidades diversas e que não têm uma homogeneidade lingüística. E esta falta de homogeneidade gera instabilidade e incerteza, provocando mudanças. Tal fato ocorre, principalmente, com grupos profissionais.

As linguagens especiais têm da língua comum a mesma fonética e a mesma estrutura gramatical, mas modificam sensivelmente o seu léxico, não só pela criação de novas unidades, mas também pelos empréstimos dentro da própria língua e procedentes de línguas estrangeiras, que acabam por modificar o significado.

Se as linguagens especiais se enriquecem de unidades vindas da língua comum, também esta se enriquece de palavras técnicas, mas em menor escala.

O processo de restrição, também conhecido por especialização, foi por nós observado durante consulta que fizemos a alguns dicionários da língua portuguesa dos séculos XVIII e XIX, em especial os dicionários de António de Morais Silva – *Dicionário da Língua Portuguesa* – em sua 1ª e 2ª edições, de 1789 e 1813 e o dicionário de Fr. Domingos Vieira – *Grande Dicionário Português ou Tesouro da Língua Portuguesa*, em edição única de 1871/1874.

Nosso objetivo ao consultar tais obras de referência, foi verificar as mudanças semânticas que ocorreram com substantivos, adjetivos e verbos, extraídos do *Vocabulário do Português Fundamental*, ao longo de um período de tempo. Foi durante a consulta que observámos que um número significativo de unidades da língua tinha um registro especial, ou seja, eram marcadas como Termo náutico ou Termo da náutica. Muitas delas vinham acompanhadas de exemplos extraídos de obras de escritores quinhentistas e seiscentistas da cultura portuguesa.

Sentimos, então, a necessidade de consultar algumas obras que tratassem da cultura portuguesa da época das grandes viagens dos descobrimentos, e em especial, que tratassem da arte de navegar tão importante àquela época.

Encontramos no vasto trabalho de António José Saraiva *História da Cultura em Portugal* (1955, vol. II: 369), um capítulo exclusivo dedicado à navegação portuguesa, de onde pudemos extrair algumas informações importantes para o nosso trabalho.

Saraiva nos informa que nos séculos XIV e XV a arte de navegar, praticada pelos navegadores que cruzavam o Mediterrâneo, era ainda rudimentar e reduzida a um conjunto de conhecimentos empíricos; até esse período, a arte náutica não ultrapassava o nível da prática rotineira.

Já nos primeiros anos do século XVI, as condições das viagens eram outras. A arte dos pilotos e navegadores tinha se enriquecido com a experiência que acabou por estabelecer uma técnica de pilotagem, substituindo a chamada “arte de marear” dos séculos anteriores.

Os progressos da navegação impostos pelas viagens de grande extensão, onde as correntes marítimas e os ventos eram diferentes daqueles até então enfrentados na proximidade da costa, exigiam uma técnica mais apurada e a Astrologia começou, então, a ser empregada como grande auxiliar na orientação das rotas.

Saraiva (1955:380) estabelece 3 fases por que passou a navegação portuguesa: a 1ª fase, da náutica baseada no “rumo e agulha”, de 1416 a 1440; a 2ª fase, da náutica baseada no “rumo e altura polar”, de 1443 a 1486; e a 3ª fase, da náutica baseada no “rumo e altura do sol”, de 1498, viagem de Vasco da Gama até 1514, aproximadamente.

Informa, ainda, o escritor português que “a náutica sabia servir-se dos conhecimentos acumulados pela Astrologia, adaptando-se às condições da prática. Este fato marca uma das mais importantes conquistas na evolução da arte de navegar, da sua forma empírica para a técnica com fundamento científico que definitivamente se afirmaria no decorrer do século XVI”. (1955: 380).

Depois das posições teóricas expostas e da breve informação histórica sobre a arte de navegar que determina o início dos progressos na navegação portuguesa, passamos a apresentar o estudo que fizemos sobre as unidades da língua que sofreram uma restrição de sentido na náutica portuguesa.

Organizamos um *corpus* de unidades lexicais constituído de 64 substantivos 09 adjetivos e 28 verbos que são entradas nos dicionários de Morais e Vieira. Os substantivos, em maior número, confirmam o que diz Bréal: “*Os substantivos são signos ligados a coisas: eles encerram exatamente a parte de verdade que um nome pode encerrar, parte necessariamente tão menor quanto mais tem de realidade o objeto*”. (1897: 192).

As unidades do *corpus* (cf. anexo) são marcadas nos dicionários estudados como “termo da náutica”. Morais, nas duas edições do dicionário, marca como “termo de Náutica”, “na Náutica”, “termo náutico”, “entre os nautas” ou “entre barqueiros”. Já Vieira identifica as unidades como: “em linguagem náutica”, “termo de náutica”, “termo de Marinha”, “termo náutico”, “termo antigo de náutica” ou ainda “termo de comércio marítimo”. Encontramos, também, algumas exceções; as unidades não estão marcadas, mas vê-se pela definição que pertencem à náutica.

Vejamos alguns exemplos dessas unidades e as definições lexicográficas que lhes são dadas. Em muitos deles podemos ver os processos de metáfora e metonímia que orientam a restrição de sentido.

Nos quadros abaixo, mantivemos a grafia, a acentuação, o negrito e o itálico usados pelos dicionaristas.

Unidade lexical	Definição lexicográfica
braço	T. de Naut. braços são os que pegão em cavernas para levantar o grosso do navio, e estes são braços primeiros. Braços são também cabos, que vem da ponta da verga, com que se mareya de bordo a outro, quando braceyão. (Morais)
dança	T.de naut. "grandes mares pela quadra, a que os Nauticos chamão dança". ( <i>História Nautica Tragico-Maritima</i> )
pano	T. de Naut. as velas: v.g. <i>aguentar o pano</i> ; <i>metter mais pano</i> ; <i>servir-lhe o vento a todo o pano</i> . (Morais)
partida	Pl. partidas- t. de Naut. os rumos da agulha. (Barros). <i>Meya partida</i> : t. de Naut. é vento intermedio, e meyo entre dois rumos.
peito	Peito da nao, a parte onde está o beque; <i>Elegiada</i> . (Morais)
ponte	T. de Naut. o mesmo que coberta do navio (Castanheda) Nas galés, e navios, obra feita para de cima della se pelejar (Barros). " <i>lançar-lhe algumas panellas de polvora sobre a ponte</i> ". (Morais)
quarto	T. Naut. divisão do tempo, em que certos marinheiros, e officiaes vigião, e trabalhão, para darem descanso aos outros, por seu turno, ou giro. (Morais)
rato	Entre os nautas, pedra escabrosa que roe as amarras das ancoras. (Couto) " <i>trincadas de rato</i> ". (Morais)
almofada	Em linguagem nautica, <b>almofadas</b> são peças de madeira branda, boleadas que se collocam em todos os logares onde os cabos roçam ou laboram, para os defender de serem cortados. (Vieira)
aranha	Em linguagem nautica, <b>aranha</b> é a obra de marinheiros, que consiste em diferentes linhas que partem obliquamente, para um e outro lado, a fazerem fixas no malhete das cabeceiras das macas; no prolongamento da talha do centro dos toldos, ou nas terças das vergas, para a aguentarem o bolso do panno quando está furado; no centro se fixa um sapatilho, para n'elle fazer fixo o fiel, adriço ou pregalho (Vieira).
barriga	Em linguagem nautica, <b>barriga</b> é o bôjo do navio, e tambem o enchimento regular do panno que fica mal ferrado. (Vieira)
cabeça	Em Nautica, <b>cabeça</b> é a parte superior de todos os madeiros empregados na construção do navio. (Vieira)
cachorro	Termo de Marinha. Escoras que sustém os navios nos estaleiros- Certas coronadas que se põem á prôa (Fr. João Pacheco) (Vieira)
estação	Termo de Nautica. Temporada em que os ventos periodicos reinam por determinadas partes. Paragem onde se demora um navio ou navios, e o tempo que ahí permancem. (Vieira)
frade	Termo de Marinha. Columna, antenna roliça de madeira, que em alguns navios se colloca á ré do mastro grande (sendo corveta) ou da mezena, fixando-se uma femea para n'ella se metterem macho, e girando em pião sobre a bôca da retranca e contra o cesto da gavea ou da gata. (Vieira)
vento	Termo de nautica. <i>Um vento</i> ; são os 4/4 do rumo; <i>meio vento</i> : é um rumo apartado do outro onze graus, e quinze minutos. (Vieira)

despir	T. de Nautica. Tirar o aparelho das velas, das vergas, dos mastros, e dos mastareos; desguarnecer. (Vieira)
arrancar	Em linguagem nautica- desprender com força a ancora do logar aonde estava unhada; largar de um porto a toda a força de véla- " <i>Quando na força d'esta contenda arrancaram furiosamente as galés</i> " (Fr. Luiz de Sousa) (Vieira)
surgir	Aportar, lançar ferro no porto (Barros) <i>surgirão diante da povoação.</i> (Castanheda) " <i>logo surgirão, porque a não não surdia</i> ". (Morais - Vieira)
gato	Gancho, do qual se dependura o moitão ao cadernal. (Morais)
saia	Termo de Marinha= Suplemento ás velas latinas, que se aggrega á esteira d'ellas quando se navega com tempo favoravel, ou se dá caça ao inimigo. (Vieira)
salto	Termo de Marinha- diz-se arrear cousa pouca, qualquer adriça, escota ou outro qualquer cabo. (Vieira)
Desastre	Entre Barqueiros, o como enxerido na haste com que se molha a vela. (Morais).
Agulha	Instrumento que dirige os navegantes mostrando-lhes os rumos dos ventos; diz-se agulha de marear ou <i>náutica</i> , ou <i>bússola</i> . (Morais)
Lista	A esteira que deixa o navio (Faria e Sousa) (Morais).

A partir das unidades lexicais substantivos e adjetivos da língua comum, os verbetes dos dicionários registram um número representativo de substantivos compostos, num total de 54, marcados também como termos da náutica e definidos com maior tecnicidade, constituindo, assim, uma terminologia.

A definição lexicográfica das unidades no quadro acima nos permite entender o que é o referente. As unidades compostas, por sua vez, sofrem uma especificação tal que para entendê-las há a necessidade de se consultar as palavras das definições nos dicionários. São termos técnicos que estão dicionarizados. Há, portanto, uma gradação de menor para maior tecnicidade. Seleccionamos alguns exemplos e destacamos em negrito as entradas dos dicionários onde se encontram os substantivos compostos

Unidade lexical	Definição lexicográfica
<b>águas vivas</b>	Fr. naut. são as grandes marés da lua-cheia, na lua nova ou equinocio; e pelo contrario as <i>mortas</i> , ou <i>quebradas</i> são menores, que vem nos quartos da lua. (Morais)
<b>pé de gallo</b>	Na Naut. <i>pé de gallo</i> ; é um aparelho que vem do mastareo da gata á ponta da verga da mezena. (Morais)
<b>pés de carneiro</b>	T. de Naut. páos perpendiculares da coberta ao porão, para sustentar a coberta; e talvez móças, por onde os marujos descem. (Morais).
<b>bomba de roda</b>	T. de Naut. he bomba diversa da que se diz de <i>zoncho</i> , em que se trabalha por meio de huma roda, como os lemes da roda. (Historia Nautica). (Morais)
<b>tempos mortos</b>	T. de Naut. em que se não pode navegar por falta de vento. Andrade. (Morais)

<b>pena da mezena</b>	T. de Naut. é a ponta da verga da mezena, que nas outras vergas é <i>Lais</i> . (Morais)
<b>cabeça do leme</b>	A parte superior do leme onde encaixa a canna. (Vieira)
<b>baliza das quatro partes</b>	Em linguagem nautica, as que equilibram a configuração dos navios, situadas em distancias eguaes, entre as balizas das perchas e as da casa mestra e entre estas e as últimas da ré. (Vieira).
<b>orelha de ancora</b>	Termo de Marinha, são os dois angulos da pata, adjacentes ao lado opposto á unha. (Vieira)
<b>orelhas de mula</b>	Velas triangulares envergadas nas ultimas vergas, e cujo punho superior iça em gorne aberto, junto á ultima encapelladura, ou em moitão de rabicho alli dado provisoriamente. (Vieira)
<b>olho de boi</b>	Termo de nautica. <b>Olhos</b> de boi, buracos por onde passam os cabos adiante do navio. <b>Olhos</b> das bigotas; furos em que labora o coihedor. (Vieira)
<b>obra das velas</b>	Termo de Marinha. Termo geral que significa cabos do apparelho, ou guarnição das velas, isto é, suas amuas, escotas, estigues, etc. (Vieira)
<b>braços do navio</b>	Termo de Nautica, a ossada d'elle, que junto ás cavernas determina as balizas. <b>Braços grandes</b> , os cabos destinados a dar movimento horisontal á verga grande ou que vão para vante a laborar junto ao mastro do traquete. (Vieira)
<b>sala do cabrestante</b>	<b>Sala do cabrestante</b> , a parte inferior d'elle, onde gorne o cabo de ala e larga. (Vieira)
<b>peito de morte</b>	<b>Peito de morte</b> - armadura que fazem com bons cabos em alguma viga, mastaréo ou verga, a qual applicam onde fôr necessario, na occasião de virar o navio a querena, cuja armadura é em cruz, passando o cabo, e rondando bem as voltas que dão umas por cima das outras em cruz. (Vieira).
<b>obra morta</b>	<b>Obras mortas</b> , no navio, os castellos de poupa, ou tudo o que nella fica da primeira coberta para cima. (Morais)

O interessante neste vocabulário náutico é que o levantamento feito começou com 101 unidades que sofreram uma restrição de sentido. À medida que vamos consultando as definições, este número vai-se ampliando gradativamente com a inclusão de termos técnicos e que, neste caso, são exclusivos da linguagem da navegação. Estão neste caso as unidades: verga, malhete, mezena, gávea, mastareo, moitão, cadernal, adriça, escota, môças, zoncho, percha, encapelladura, bigota, amua, estigue, traquete, gorne, sapatilho, pregalho.

Ao lado das unidades simples e compostas, também estão registradas as chamadas "frases ou expressões náuticas" que perfazem um total de 38. Assim como nas unidades compostas, marcamos com negrito a palavra da expressão que dá entrada no dicionário.

Frases ou expressões náuticas	Definição lexicográfica
fazer o navio cabeça	Surdar ávante obedecendo ao governo do leme ao virar de bordo, tomar a direcção que se lhe dá indo a reboque (Vieira).
caçar o navio ou cacear	Descair, e afastar-se, ou desviar-se insensivelmente de rumo, que se leva por força de correnteza, vento. (Freire, Barros) "trincou a amarra, e entrou o navio a caçar para terra" (Castanheda) (Morais)
cortar a largo	T. de Naut, ir á vontade dos ventos -Epanaforas (Morais).
andar a vela	"desfraldar, desferir, desencolher as velas, colhelas, recolhelas, amainalas". (Morais)
pezar o Sol	Fr. naut. tomar a altura. (A.Vieira) (Morais)
tomar a costa na mão	Locução de Marinha- navegar segundo a direcção da costa. (Vieira)
seccar a vela do navio	Ferral-a. (Vieira)
nadar o navio	Estar em agoa que o sostenha, e não envasado, ou encalhado (Barros) (Morais)
trabalhar o navio na tormenta	Soffrer os encommodos que ella dá, causa (Amaral) (Morais).
dar de monte	Fr. naut.= chegar o navio á terra para o alimpar (Morais)
caçar espaço	Caçar uma a duas milhas, sahir a não do seu rumo em espaço, uma a duas milhas. "A não que caçava um grande espaço" (Barros) (Vieira)
fazer o navio, ou armada á vella	Fazela navegar, sair do porto (Couto) (Morais)
montar a maré	Montar a maré; encher: e daqui a montante da maré, opposta a jusante, descende ou vasante. (Morais)

Cabe-nos, ainda, fazer algumas observações sobre os exemplos abonados presentes em muitos verbetes. Como afirmou Saraiva, em citação anteriormente mencionada, o aprimoramento da arte de navegar começou no século XVI, século das grandes viagens e dos descobrimentos portugueses. E são deste período os autores e as obras escolhidas pelos dicionaristas para abonar os seus exemplos. Localizamos nos verbetes analisados 20 autores do século XVI e 03 do século XVII. Do século XVI são: Jerônimo Corte Real, Frei João Pacheco, João de Barros, Fernão Mendes Pinto, Damião de Góis, Francisco de Morais, Frei Luiz de Sousa, Gomes Eanes Zurara, Diogo do Couto, António Pinto Pereira, Fernão Lopes de Castanheda, Luís Vaz de Camões, Jacinto Freire de Andrade, Gaspar Estaço do Amaral, D. Afonso de Albuquerque, Luís Pereira Brandão, Duarte Nunes de Lião, Francisco de Andrade, Manuel de Faria e Sousa e Francisco Rodrigues Lobo. E do século XVII: Bernardo Gomes de Brito, D. Francisco Manuel de Melo e Pe. António Vieira.

A esta listagem de autores juntam-se ainda os 3 tomos *Inéditos da História Portuguesa*, publicados pela Real Academia das Ciências de Lisboa, de 1790 a 1793, organizados por José Correia da Serra, e tratam os volumes dos reinados de D. João I, D. Duarte, D. Afonso V e D. João III.

Por esse levantamento podemos confirmar que as obras dos autores portugueses do século XVI, na quase totalidade registram exemplos, onde se comprova a restrição de sentido das unidades, na linguagem da náutica portuguesa. Este dado ratifica a teoria de Meillet de que o empréstimo interno numa língua ocorre em período estritamente determinado para uma população estritamente determinada. (1948:253).

Podemos ver, nesta amostragem, que o vocabulário da náutica está constituído de unidades que pertencem exclusivamente à linguagem técnica da navegação e de unidades que, pertencendo à língua geral, sofrem uma restrição de significado.

Relembrando o lexicólogo francês G. Matoré (1968:23), que diz que: "*O vocabulário é a expressão de uma sociedade*", percebemos, através da língua, a arte de navegar presente no espírito do povo português.

É de Damião Peres (1960:35) o trecho seguinte, que confirma o que dissemos neste trabalho: "*Por toda a orla atlântica do território em que veio a constituir-se Portugal, a pesca e a indústria salinífera foram, aquela sobretudo, actividades exercidas desde remotas eras, gerando assim um interesse pelo mar e com ele, embora incipiente, uma decidida vocação marítima, que nos primeiros séculos da vida já portuguesa veio a manifestar-se de múltiplas maneiras*".

### Referências bibliográficas

- BRÉAL, M. *Éssai de Sémantique*. Paris: Librairie Hachette, 1897.  
 MATORÉ, G. *Histoire des dictionnaires français*. Paris: Larousse, 1968.  
 MEILLET, A. *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1948.  
 PERES, D. *História dos Descobrimientos Portugueses*. Coimbra: Companhia Editora do Minho, 1960.  
 SARAIVA, A. J. *História da Cultura em Portugal*. Vol. II, Lisboa: Jornal do Fôro, 1955.  
 ULMANN, S. *Précis de Sémantique Française*. Paris: Presses Universitaires de France, 1952.



## ANEXO

*Corpus* das unidades que constam dos dicionários de Moraes (M) e Vieira (V)

## Substantivos

água (M)	dança (M)	monte (M)	praça (M)
agulha (M)	desastre (M)	navio (M)	quarto (M/V)
almofada (V)	domingo (V)	obra (M)	rádio (M/V)
aranha (V)	estação (V)	olho (V)	rato (M/V)
árvore (M/V)	estado (V)	orelha (V)	relógio (V)
baliza (V)	evolução (V)	pano (M/V)	rede (M)
barriga (V)	exercício (V)	paragem (M/V)	roda (M/V)
bolso (M/V)	frade (V)	partida (M/V)	saia (V)
braço (M/V)	gato (M)	passagem (M)	salto (V)
burro (M/V)	guarda (V)	pé (M)	sol (M)
cabeça (V)	jardim (M)	peito (M/V)	sul (V)
cachorro (V)	linha (M)	pena (M)	vela (V)
chapéu (V)	lista (M)	perna (M)	vento (V)
chave (V)	manga (V)	poço (M)	visita (V)
classe (V)	mecânico (V)	ponte (M/V)	xadrez (V)
conhecimento (V)	mundo (V)	ponto (V)	zona (V)

## Verbos

abraçar (M/V)	caçar (M)	governar (M/V)	obrigar (V)
andar (M)	colher (M)	jogar (M)	sair (M)
agüentar (V)	coser (M)	largar (M)	secar (M)
apagar (M)	cortar (M)	meter (M)	surgir (M/V)
arrancar (V)	depender (V)	montar (M)	tocar (V)
arrumar (V)	despir (V)	nadar (M/V)	tomar (V)
atravessar (V)	fazer (M)	obedecer (V)	trabalhar (M)

## Adjetivos

fundo (M)	lento (M)	pesado (M)	seco (M)
grande (M)	morto (M)	redondo (M)	simples (V)
largo (M)			